



Milão, 28 de março de 2024

Saudação de Davide Prospero no início do Tríduo Pascal dos Liceus

Queridos amigos,

é bonito saber-vos de novo reunidos Rimini para viverem juntos o Tríduo Pascal com os vossos amigos e os vossos responsáveis. No ano passado, eu vivi convosco todo o gesto, e foi uma experiência muito importante para mim, uma grande ajuda para viver a Páscoa com uma consciência ainda maior daquilo que há tantos anos me aconteceu e que é oferecido também a vocês: a graça de poder viver na vida, na pertença a esta companhia, uma amizade entusiasmante com Jesus, vivo e presente no meio de nós. Por isso permito chamar-vos a todos amigos, mesmo àqueles de vocês que ainda não tive oportunidade de conhecer. Somos amigos porque estamos no mesmo caminho, atraídos pela amizade com Jesus. Uma amizade cheia de promessa, a promessa de uma resposta aos desejos do nosso coração. Desejos de bem, de beleza e de amor. Quem pode dizer que não tem esses desejos, sobretudo na vossa idade? Mesmo assim, muitas vezes, e eu garanto que acontece bastante também com os adultos, acabamos por anestesiá-los, procurando a satisfação em coisas pequenas e de pouca monta.

Nos afetos, no estudo, no desporto, nas paixões, nas músicas que ouvimos ou nos livros que temos: em tudo isso, que aliás é a vida, transparece sempre uma promessa que nos dá o empurrão para encararmos o dia. Mas depois essa promessa parece que não se consegue manter, ficamos insatisfeitos e fechamo-nos em nós mesmos. As dificuldades e os nossos limites acabam por esmagar-nos. E assim contentamo-nos, porque a desilusão ou a tristeza partem-nos as pernas, deixam-nos sem esperança. Mas há sempre esperança, como disse Aragorn naquela cena fantástica do filme baseado no romance *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien, quando um exíguo grupo de homens fechado no Abismo de Helm é assediado pelos ogres, desproporcionalmente superiores em número (porque a dificuldade ou o mal costumam parecer imbatíveis). E há um rapazinho que tem nas mãos uma espada toda enrugada e decrépita e balbucia desconsoladamente a Aragorn: «Dizem que já não há esperança». Mas Aragorn pega na espada dele, dá dois golpes no ar, devolve-lha pergunta-lhe: «Como te chamas?» (porque é preciso alguém que nos lembre quem somos, de onde viemos!). E o rapaz responde: «Haleth, filho de Háma, meu senhor». E Aragorn replica: «Haleth, filho de Háma, é uma ótima espada. Há sempre esperança!». Há sempre esperança, ainda que tenhamos uma pequena espada decrépita. Nós não nos damos conta, mas temos as armas, embora míseras e frágeis, para estarmos diante das coisas com esperança, sem nos deixarmos abater pelo nosso sentir-nos errados e incapazes, ou traídos em nossos sentimentos.

Há poucos dias, fui convidado para falar de Giacomo Leopardi em Recanati, a sua cidade natal – o Padre Fabio acompanhou-me, ele pode testemunhá-lo – e do quanto *don* Giussani amava este poeta. Talvez os mais velhos de vocês o estejam a estudar precisamente nestes meses. Leopardi era alguém que não se contentava. Estava certamente dececionado com a realidade, sem esperança, mais ainda com o passar dos anos. E a decepção parecia-lhe ainda mais trágica por ter desejado tanto a felicidade

desde a primeira juventude: «De ver-te ainda viva / não me resta esperança» (escreveu na poesia *À sua dama*; vv. 12-13). Como quer que seja, não pôde deixar de perceber a promessa que a vida carrega consigo, e por isso continuou até ao fim consumindo-se num grito por felicidade que é o coração de todo homem. Imagino que muitos de vocês conheçam o poema *Canto noturno de um pastor errante da Ásia*: (vv. 84-89):

“E quando olho a amplidão, de estrelas cheia,
penso e digo comigo:
Por que tanta candeia?
Por que estes ares infinitos, este
infinito profundo, sereno, esta
imensa solidão? e eu, que sou eu?”

Eu não estaria menos desesperado que esse poeta, e hoje não poderia desejar-vos isto, se não tivesse encontrado um amigo, alguns amigos, uma companhia que me mostrou que o caminho para a resposta a este grito existe, e que a resposta ao pedido não é uma Ideia eterna, como Leopardi provavelmente pensava, mas uma Presença que assume o rosto de uma amizade. Pois bem, a nossa arma, que Leopardi não teve a graça de receber, mas que vocês receberam, a nossa esperança é a nossa amizade com Jesus! É essa amizade o que nos abre para tudo, o que nos abre para a verdade, para o conhecimento da verdade (e por isso também da falsidade, permitindo-nos perceber que é bem e o que é mal), para aproveitarmos de verdade aquilo de que gostamos. Aproveitar o ar infinito e também a sensação de solidão imensa de que fala Leopardi. Nada se perde: a amizade de Cristo nos tranquiliza não no sentido de termos de renunciar ao que amamos, mas pelo contrário, aprendemos a amar de verdade, tornando-nos assim realmente livres. Inclusive para arriscarmos. Jesus promete-nos a felicidade, e esta nossa amizade é para a felicidade! A nós interessa-nos a felicidade, nada menos do que isso.

Como é que Jesus vem ao nosso encontro? Como é que nasce esta vida nova, que é a vida iluminada pela fé? Vocês vão aprofundar estas coisas durante estes dias, entre vocês, junto com o Seve e o Pe. Fabio (peço que rezem por eles, para que Nossa Senhora ilumine o coração e a mente deles nestes dias!) e com os adultos que estão com vocês, cuja amizade é sinal da amizade de Cristo.

Uma última coisa, para que as palavras que dizemos não vos pareçam vazias: o que é essa amizade com Jesus? Jesus revela-nos o desígnio bom de Deus para o mundo e para nossa vida, comunica-nos o que o Pai lhe revelou a ponto de dar a vida por isso, pois deseja que nós tenhamos a mesma vontade que Ele. Como deveria ser entre verdadeiros amigos: Ele quer que nós desejemos o mesmo que Ele deseja, e que não desejemos o que Ele não deseja. Parece um trava-língua, mas é uma coisa grandiosa, que nos deixa sem fôlego só de pensar. Os latinos diziam: *idem velle, idem nolle*. Esta é a verdadeira amizade. Jesus pede-nos que O imitemos em tudo. Como nos lembra o evangelista João: «Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Dei-vos o exemplo, para que também vós façais assim como eu vos fiz» (Jo 13,14-15). Não é fascinante poder viver uma amizade assim entre nós? Não é uma coisa do outro mundo?

Desejo que possam sempre olhar-se assim, para prosseguirem neste caminho juntos, durante estes dias e pela vida toda. E que através das vossas vidas muitos possam encontrar esta mesma amizade de Jesus. Porque a companhia d’Ele não cansa nunca.

Bom Tríduo!

Daide Properi

Daide Properi